

A festa da língua – Vilém Flusser,
de Murilo Jardelino da Costa (Org.)

Fundação Memorial da América Latina, 2010. 180 p.

Marta Alves

Mestranda em Teoria da Literatura e
Literatura Comparada, graduada em Letras
Português / Literatura – UERJ; Professora
de Literatura no Colégio 18 de maio – Riachuelo.
Rio de Janeiro, RJ – Brasil.
mcas.2@hotmail.com

Fruto do seminário “A escrita de Flusser”, promovido pelo Centro Brasileiro de Estudos da América Latina (CBEAL), o livro *A festa da língua – Vilém Flusser*, organizado por Murilo Jardelino da Costa, reúne artigos de alguns dos principais comentadores do filósofo tcheco-brasileiro para tratar e divulgar, ainda mais, aspectos importantes da sua obra, como linguagem, arte, filosofia e mídia. Uma verdadeira celebração da língua que, sendo várias, forma realidades e verdades relativas que se cumprimentam e se complementam.

Embora ainda não seja leitora metódica das obras de Vilém Flusser, recebo com alegria essa publicação. Seus artigos me lembram o primeiro contato que tive com os textos de Vilém Flusser, que me perturbavam e me consumiam devido ao seu caráter impressionante, enigmático quase ao nível do absurdo. Esses textos, tão ambíguos e plurissêmicos, montam um jogo de encontros e desencontros, de aproximações e afastamentos, que me emprestam sempre a sensação de possíveis descobertas e me movem a novas reflexões.

Vilém Flusser nasceu em Praga em 1920. Aos 20 anos de idade, fugindo do nazismo, refugiou-se no Brasil, onde viveu entre 1940 e 1972. Aqui produziu parte importante de sua obra filosófica, objeto de estudo de Eva Batlicková. Em “Vilém Flusser, um pensador brasileiro”, Batlicková mostra a relevância da atuação do filósofo no Brasil para se entender a complexidade de suas ideias.

Em “Meu bem, você não entendeu nada”, o comportamento comum por aqueles que leem Flusser pela primeira vez é comentado por Gustavo Bernardo Krause. A partir da frase favorita de Vilém Flusser, que aparentemente marcaria uma postura agressiva e irônica do pensador em sala de aula, Krause comenta a insuspeita generosidade do intelectual e enxerga, na sua provocação, um profundo ceticismo filosófico que sustenta o pensamento de Flusser. Para Krause, ao recon-

siderar a ideia do outro, o filósofo abria margem para que outros, e ele mesmo, reconsiderassem seus próprios pensamentos. Nesse processo de reconsiderar – o que quase sempre é reconsiderável – todos nós retardamos o entendimento como modo de pensar e de duvidar mais, manifestando apenas uma realidade que não é absoluta. Assim, nos tornamos apreciadores do mundo sob várias perspectivas.

Esse estilo flusseriano de fazer e de ensinar filosofia valoriza o interlocutor, provocando-o para o diálogo como um ser igual, independente do grau de conhecimento ou de nível de bagagem cultural e, sobretudo, de hierarquia. Flusser estava convencido de que a oposição é essencial para a existência humana, sendo toda perspectiva diversa, na verdade, um conhecimento gerado a partir da contradição e da oposição, logo, fundamental à educação filosófica. Portanto, ler e discutir Flusser se tornou forma de reconhecer e respeitar a possibilidade do “outro” e me tornar “eu” mesmo, nesse processo de produção de sentido no diálogo com suas obras.

No ensaio “A escrita plurilinguística de Flusser no contexto da linguagem caleidoscópica”, Murilo Jardelino da Costa – tradutor do livro *A escrita - há futuro para a escrita?* (2010), de Vilém Flusser – apresenta informações sobre essa obra-síntese do pensamento do filósofo e chama a atenção para a ambiguidade proposital que estrutura todo o texto. Costa apresenta alguns fragmentos em que se encontram esses sentidos múltiplos e marcas de subjetividade, observados durante o processo de tradução do alemão para o português dessa obra.

Além disso, Costa discorre sobre o sentido da escrita como criação linguística, apresentando alguns aspectos desafiadores do processo de tradução da obra cujo processo se assemelha à tradução literária. Para Flusser, a literatura é que diz aquilo que ninguém mais consegue dizer, ou seja, ela avança e se alimenta exatamente da instabilidade dos significados, diante da qual os grandes sistemas científicos e filosóficos não dão conta de forma plena. Segundo Costa, a complexidade no processo de tradução dessa escrita deriva do enfrentamento com um texto elaborado por meio de jogos morfológicos e sintáticos, com marcas de subjetividade do autor. Dando voltas em torno de si mesmo, o texto revela uma escrita peculiarmente flusseriana em que se precisa mergulhar para o que der e vier: uma escrita plural diante da complexidade do real. O conceito de escrita plurilinguística então se articula ao conceito de linguagem caleidoscópica, refratando o projeto de escrita do autor, que é o de se instalar na apatridade.

Essa temática é ampliada no ensaio “Sobre a apatridade da escrita: Flusser/Borges em perspectiva”, de Pablo Gasparini. Considerando a forma como o poliglôto afeta a língua ensaístico-literária de Flusser, Gasparini estabelece um possível parâmetro comum para a leitura literário-cultural cruzada de Flusser e Borges: a apatridade. A partir de suas experiências de retradução da obra *Língua*

e realidade (2007) e de certas observações sobre essa mesma prática no texto de *Tlon Uqbar, Orbis Tertius*, inserido em *El jardín de senderos que se bifurcam*, de Borges, o tradutor Gasparini tenta demonstrar que Flusser apresenta uma proposta dialética entre o próprio e o alheio em sua prática de tradução. Durante esse processo, a língua de chegada afeta conscientemente a língua de partida e também busca provocar a abertura da língua de partida para outras revelações e recursos linguísticos possíveis na língua de chegada. Trata-se de verdadeira concepção da liberdade no ato da tradução, a partir da dinâmica de equilíbrio entre as línguas colocadas em contato. Nesse sentido, o filósofo revela sua fluida condição de apátrida, de árvore sem raízes ou com raízes profundas perdidas, e parece flutuar sobre as línguas, o que afeta toda sua produção ensaístico-literária. Segundo Gasparini, essa concepção talvez seja a mesma proposta por Borges. Esse conceito de “apatridade” é trabalhado por *Vilém Flusser em Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. (2007) Essa obra, embora não se ocupe de aspectos puramente biográficos da vida de Flusser, revela modos de ser e de pensar de um “eu” plural, devidamente inserido em uma história coletiva.

Além disso, é essa liberdade de escrita e reescrita do conteúdo, através de uma dinâmica dialética entre as línguas, que nos permite ter acesso a zonas de experiências inusitadas no que diz respeito aos significados que nos escapariam numa tradução limitante do conteúdo de origem. Essa tradução não permitiria, inclusive, uma flutuação da língua e das palavras que alimentam constantemente o pensamento.

Esses são apenas alguns dos ensaios presentes na festa da língua. E, como já dizia Flusser (2010, p. 51), “[. . .] quem escreve tece fios que devem ser recolhidos pelo receptor para serem urdidos. Só assim o texto ganha significado.” Logo, o escritor tece sua trama, mas ela só faz sentido quando tecida pelo leitor. Nessa festa em que a língua e as palavras encontram-se no centro do pensamento a bailar e a urdir uma trama, também nós somos convidados a participar lhe conferindo novas formas nesse diálogo.

Vale a leitura.

Referências

- FLUSSER, Vilém. *A escrita - há futuro para a escrita?*. São Paulo: Annablume, 2010.
- _____. *Língua e realidade*. São Paulo: Annablume, 2007.
- _____. *Bodenlos: uma autobiografia filosófica*. São Paulo: Annablume, 2007.